

O ESPETÁCULO DO PODER

EXPOSIÇÕES POLÍTICAS
1934-1940



Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris 1937.
Fotografia: Mário Novais. CFT003.103321
Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian

O ESPETÁCULO DO PODER

POLÍTICA E EXPOSIÇÕES

1934-1940

Combinando história, arte e arquitetura efêmera, as exposições políticas procuram celebrar o sistema político vigente.

Estes eventos foram sempre pensados como espaços sedutores, espetáculos urbanos onde se encenava o poder e através dos quais se desejava alcançar resultados políticos muito claros.

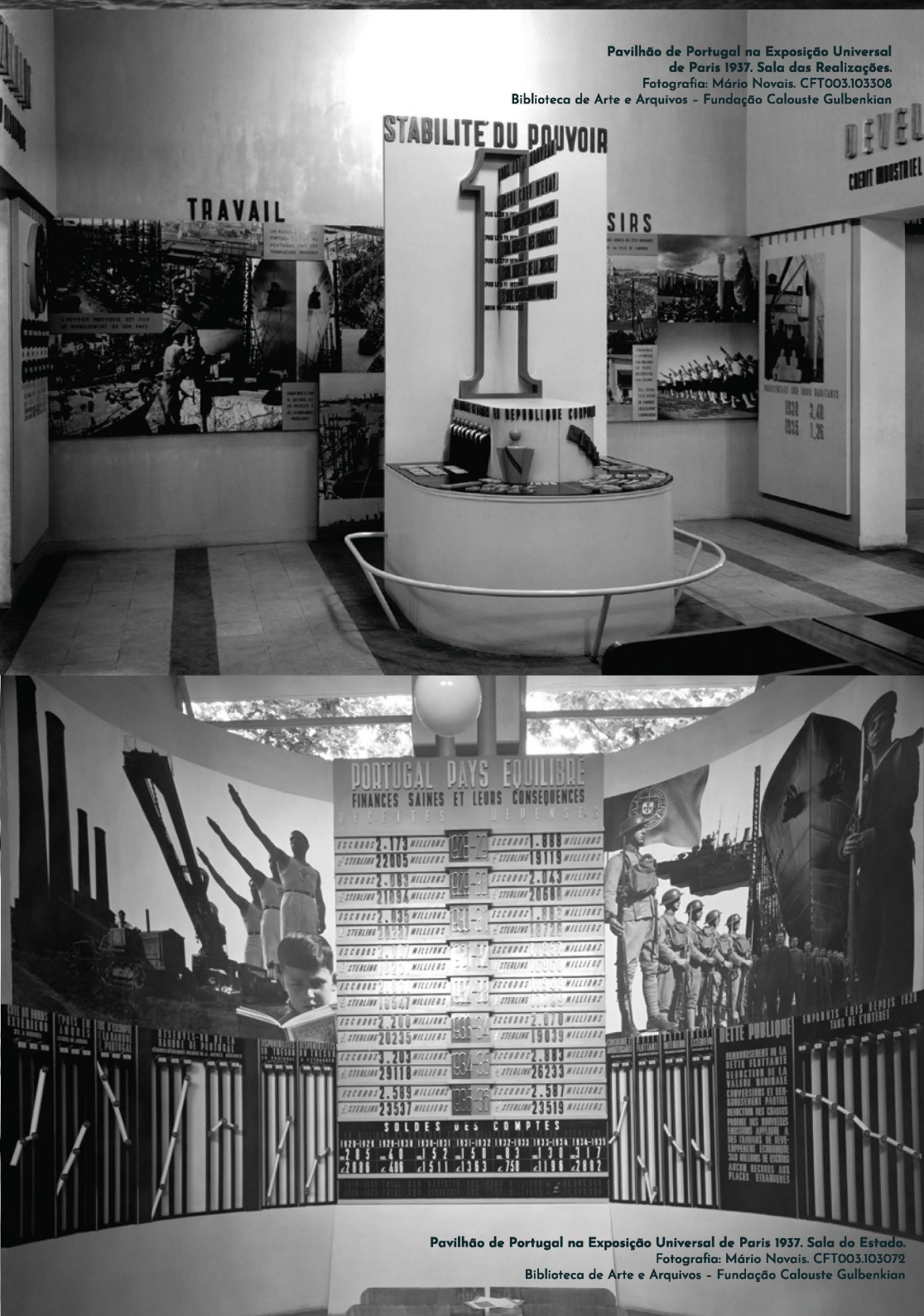
Esta exposição, cuja narrativa se baseia em documentação variada - em parte inédita - propõe, ao longo dos seus quatro núcleos, uma viagem através das exposições políticas realizadas em e por Portugal entre 1934 e 1940, incluindo os pavilhões portugueses apresentados nos certames internacionais de Paris (1937) e Nova Iorque (1939), experiências que surgem aqui em diálogo com outras formas de representação do poder, visíveis na área central da exposição.

Ao longo deste percurso, tornar-se-á claro que Portugal foi um importante ator no grande palco político dos anos 30 e que contribuiu para o processo de circulação e contaminação de narrativas e cânones estéticos.

Ficaremos, assim, a conhecer o engenhoso espetáculo do poder e poderemos espreitar os seus bastidores. Por detrás do brilho, das luzes e das cenografias, revela-se um trabalho nem sempre linear, marcado por debates, tentativas, erros e ensaios de propaganda. E colocam-se em evidência os aspetos visíveis e invisíveis do caminho que culminou na Exposição do Mundo Português em 1940.



Desfile com o estandarte da Liga Cívica Luso-Americana (c. 1936).
St. Anthony's/Photographs/249
Greater Boston Portuguese American Digital Archive
Center for Lowell History | University of Massachusetts Lowell



Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris 1937, Sala das Realizações.
Fotografia: Mário Novais. CFT003.103308
Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian

Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris 1937, Sala do Estado.
Fotografia: Mário Novais. CFT003.103072
Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian

EXPOSIÇÃO
O ESPETÁCULO DO PODER
POLÍTICA E EXPOSIÇÕES
1934 - 1940

13 MAIO - 30 DEZEMBRO 2023
PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

DIREÇÃO DO PADRÃO
DOS DESCOBRIMENTOS
Margarida Kol de Carvalho

ADJUNTA DE DIREÇÃO
Conceição Romão

INVESTIGAÇÃO
Sofia Diniz

COMUNICAÇÃO
Mário Camolas

MEDIAÇÃO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA
Ana Madeira
Joana Vitorino

ACOLHIMENTO E BILHETEIRA
Bárbara Duarte
Miguel Viana
Regina Gonçalves
Sílvia Freire
Tiago Pereira

COMISSARIADO CIENTÍFICO
Annarita Gori

APOIO AO COMISSARIADO CIENTÍFICO
Michelangelo Di Giacomo
- Museu M9

CONSULTORIA CIENTÍFICA
Carlos Bartolo - CITAD - ULL
Maria Alexandra Lousada - FLUL
Nuno Domingos - ICS-UL
Paula André - DinâmiaCet-ISCITE-IUL
Rita Almeida de Carvalho - ICS-UL

CONCEÇÃO GRÁFICA E REALIZAÇÃO
António Viana

ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO
Nuno Magalhães

DESENHO GRÁFICO DA EXPOSIÇÃO
Rita Neves

IMAGEM GRÁFICA - MATERIAIS GRÁFICOS
Oland - Denominação
de Origem Criativa

VÍDEOS DE DIVULGAÇÃO E MEMÓRIA FUTURA
Ricardo Mesquita

PROJETO AUDIOVISUAL
Monstro Criativo

REVISÃO DE TEXTO
GoodSpell - Comunicação,
Tradução, Edição, Lda.

TRADUÇÃO
Alexandra Andresen Leitão

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
Maria Helena Nunes - Mão de Papel

VINIS E PAPEL DE PAREDE
Nuno Manuel Neves Santos

PROJETO DE LUMINOTECNIA
Vitor Vajão

CONSTRUÇÃO
A.S. Pinheiro, Lda

AGRADECIMENTOS

- Archives Nationales
- Archivio Centrale dello Stato
- Archivio Istituto Luce
- Arquivo Diplomático e Biblioteca | Ministério dos Negócios Estrangeiros
- Arquivo Municipal de Lisboa
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo | Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas
- Armando Calvão Rocha
- Biblioteca de Arte e Arquivos | Fundação Calouste Gulbenkian
- Biblioteca Fondazione Oriani
- Biblioteca Nacional de Espanha
- Biblioteca Nacional de Portugal
- Bibliothèque Nationale de France
- Centro Português de Fotografia
- Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema
- Collezione Salce (Treviso)
- Fundação António Quadros
- Fundação Mário Soares e Maria Barroso
- Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Greater Boston Portuguese American Digital Archive, Center for Lowell History - University of Massachusetts Lowell
- Lee Douglas
- Hameroteca Municipal de Lisboa
- João Paulo Martins
- Museu da Presidência da República
- Museu Digital Conservas de Portugal
- Museu do Dourado
- Norman B. Leventhal Map & Education Center | Boston Public Library
- Private Collection of PJ Made | Cornell University Library
- RTP - Rádio e Televisão de Portugal
- The Ferreira-Mendes Portuguese-American Archives | University of Massachusetts Dartmouth
- The New York Public Library | Manuscripts and Archives Division
- Universiteit van Amsterdam - Bibliothek
- Lupa - Luís Pavão
- Museu Nacional do Teatro e da Dança

ANOS 30: A POLÍTICA VAI À CENA

Na década de 1930, os meios de transporte e de comunicação massificaram-se. Este foi também o tempo de uma das maiores crises económicas do século XX, da radicalização política e do nascimento de ditaduras que mudaram para sempre o nosso mundo.

A conjugação destes fatores produziu uma nova ideia de propaganda, que, beneficiando das recentes formas de entretenimento, pretendia informar, educar e inculcar valores políticos nas populações.

Uma das formas de propaganda mais eficazes e mais utilizadas foram as exposições organizadas pelo poder político. Estes eventos apropriaram-se dos modelos do museu histórico e da mostra de arte, transformando-os em espetáculo; trocaram a confiança no progresso, em que se alicerçavam as feiras comerciais, pelo orgulho na política e no passado nacionais; e substituíram a ilusão de viajar no espaço, típica das exposições coloniais, pela de viajar no tempo.

Capazes de chegar a milhões de pessoas, as exposições políticas foram utilizadas tanto pelas ditaduras como pelas democracias, depressa assumindo o papel de eventos essenciais da agenda dos governos da década de 1930.

Gráficas da Exposição Documentária da Obra da Ditadura Nacional, S.C. 1928 V. Biblioteca Nacional de Portugal



Stand de Portugal na Exposição Mundial de São Francisco. PT/ARI/13/MNE-MD/LEM-USA-EWAS/0935/000031 Arquivo Diplomático e Biblioteca - Ministério dos Negócios Estrangeiros

UM PASSADO PRÓXIMO, UM FUTURO PRESENTE LISBOA, 1934 E 1936

Em 1934 e 1936, o Estado Novo celebrou o aniversário do golpe militar de 28 de maio de 1926 com duas exposições: a Exposição Documentária da Obra da Ditadura Nacional e a Exposição do Ano X.

Nas duas ocasiões, a "revolução nacional" foi apresentada como um ponto de viragem na história recente do país: depois de uma época dominada pelo caos, fora finalmente estabelecida uma nova ordem.

As duas exposições encenaram a eficiência e a unidade do poder - esse foi o seu lado visível. Nos bastidores, pelo contrário, a criação e montagem das duas mostras caracterizou-se por dificuldades e tensões entre os protagonistas desta fase inicial da propaganda do regime.

As narrativas e as estéticas dominantes nestas exposições, incorporaram influências da propaganda de outras revoluções ocorridas no mundo, como a da Itália fascista e a da Rússia soviética. Todavia, o contexto português prestava-se pouco a uma emulação direta destes modelos. Por um lado, dificilmente o golpe de 1926 podia ser utilizado como um mito de fundação, porque de facto não deu diretamente origem ao regime, e as suas celebrações eram sobretudo um necessário agradecimento pelo apoio dos militares.



Portugal 1934 PT/MPR/AOC/GV065/032 Museu da Presidência da República

Revolução Nacional. Fotografia: Mário Novais. CFT0031092117 Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian



Instalação na Exposição Documentária da Obra da Ditadura Nacional, no Pavilhão das Indústrias Portuguesas. S.C. 1928 V. Biblioteca Nacional de Portugal

OS ENSAIOS DO PARQUE EDUARDO VII

Entre 1934 e 1937, o Parque Eduardo VII transformou-se num espaço de experimentação onde intelectuais, artistas e arquitetos se interrogaram acerca da complexa relação entre imaginários históricos, estéticos e espetacularização do poder.

Em três ocasiões, o Pavilhão das Indústrias Portuguesas - hoje Pavilhão Carlos Lopes - foi adaptado e camuflado para servir de palco a uma encenação politicamente manipulada da história recente do país, visando legitimar o novo regime. Nessas três exposições que ali tiveram lugar, registaram-se experiências bem e malsucedidas, além de indecisões e conflitos entre os vários atores envolvidos.

Os indivíduos que conceberam e realizaram as exposições no Pavilhão não estavam isolados. Pelo contrário, atuaram como agentes transnacionais de uma grande rede que constituía o laboratório europeu onde, no período entre guerras, se testavam as ideias e as práticas artísticas.

UM PASSADO NÃO MUITO DISTANTE LISBOA, 1937

Organizada pela Agência Geral das Colónias, a Exposição Histórica da Ocupação omitiu o elemento épico do expansionismo marítimo, para se concentrar nos principais factos que envolveram a ocupação dos territórios africanos no período entre a Conferência de Berlim de 1884-1885 e as campanhas da Grande Guerra.

A exposição, dirigida principalmente a um público de elite, combinou elementos modernos de design, como o sistema de iluminação das salas, com uma extensa utilização de documentação de arquivo, prestando tributo às ações dos governadores coloniais e dos altos comandos militares.

No que respeita à afluência de público, esta mostra foi um fracasso. A aposta numa invulgar mistura entre exposição colonial, depurada dos aspetos lúdicos, e museu de história, cujo objetivo era apresentar um processo de colonização exemplar - de que o Acto Colonial de 1930 era o cânone -, falhou.

PORTUGAL NOS PALCOS ESTRANGEIROS

O contexto da crise de entre guerras, caracterizado pela instabilidade económica, as lutas ideológicas e a ameaça de conflito iminente, afetou as relações internacionais e comprometeu os canais político-diplomáticos tradicionais.

As exposições internacionais realizadas na década de 1930 assumiram-se como arenas políticas cruciais, palcos onde as diversas visões do mundo se apresentaram e confrontaram.

Os pavilhões eram pensados como cartões de visita das nações que participavam nestes certames. Através da arquitetura, das práticas estéticas e da promoção de elementos culturais considerados representativos da identidade nacional - como a história, a arte, o cinema, a música, a gastronomia, etc. -, as democracias e as ditaduras propagandearam a superioridade das suas ideologias políticas, demarcando-se das restantes, procurando afinidades, mantendo o controlo e o apoio das suas próprias comunidades no estrangeiro.

UMA IMAGEM MODERNA, UM PAÍS TRADICIONAL PARIS, 1937

Quando foi inaugurada, em 1937, a Exposition Internationale des Arts et des Techniques dans la Vie Moderne apresentava-se como uma celebração do engenho humano e uma oportunidade para a cooperação e o diálogo entre os povos.

O confronto entre os pavilhões da Alemanha nazi e da Rússia soviética, em frente da Torre Eiffel, bem como a exibição do quadro Guernica (1937), de Picasso, contavam uma outra história.

A exposição de Paris foi a primeira ocasião em que António Ferro fez representar o Estado Novo num evento internacional.

Face à dificuldade em cumprir o tema geral proposto pelos organizadores - as vanguardas das artes e das tecnologias na vida moderna - o diretor de propaganda conseguiu contornar a questão, apresentando o novo Portugal como fruto da arte de bem governar e da técnica do equilíbrio orçamental.

O pavilhão português procurou mostrar que o país acompanhava a modernidade, conjugando-a com a tradição: o presente era exaltado nas fotomontagens que preenchiam o interior do edifício, enquanto o passado histórico se apresentava nos baixos-relevos das fachadas, e na sala das artes populares era exibida a tradição mítica do povo.



Vista geral da Exposição Internacional de Paris. Fotografia: Mário Novais. CFT1861377 Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian

GOLDEN GATE INTERNATIONAL EXHIBITION SÃO FRANCISCO, 1939

Portugal participou na Golden Gate International Exhibition com um stand no interior de um enorme pavilhão reservado aos países estrangeiros. A sua construção inspirava-se, quanto à forma e às decorações, na visão estereotipada de uma pequena igreja de aldeia. No interior, faziam-se referências à participação de Portugal na "descoberta" da Califórnia, ao papel do artesanato na economia portuguesa e às conquistas do novo regime.

Uma parte importante do stand era dedicada às comunidades portuguesas na costa leste dos Estados Unidos da América. Esta homenagem justificava-se por terem sido os emigrantes, mediante uma subscrição interna, a pagar a sua construção.

O MUNDO DE AMANHÃ É O MUNDO DE ONTEM NOVA IORQUE, 1939

A New York World's Fair foi pensada como um espetáculo a cores, luminoso, moderno, quase uma projeção utópica do mundo futuro. Paradoxalmente, os estados participantes foram chamados a apresentar pavilhões dedicados ao tema "Building the world of tomorrow" ("Construindo o mundo de amanhã") precisamente no ano em que eclodia a Segunda Guerra Mundial.

Portugal apostou numa visão saudosista. O edifício de Portugal foi concebido como uma fortaleza e, na organização das salas e das decorações, a epopeia marítima desempenhou um papel determinante. António Ferro, optando por uma narrativa destinada a gerar orgulho na grande comunidade emigrante, e realçando a imagem do país aos olhos dos visitantes, destacou a sua importância no cenário mundial e na própria origem dos Estados Unidos da América, chegando a integrar Cristóvão Colombo no panteão histórico português.

No fim do percurso expositivo, uma alegoria mostrava o mundo de amanhã segundo o Estado Novo: um ambiente de calma e progresso social, baseado na unidade da família cristã e nas organizações corporativas.

Exposição do Mundo Português. Porta da Fundação. Fotografia: Mário Novais. CFT00325645 Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian



BELÉM, O CENÁRIO DO PODER

Belém representa o fim do percurso aqui traçado e, simultaneamente, o último - e o maior - palco de encenação de poder por parte do Estado Novo.

Os ensaios do Parque Eduardo VII permitiram corrigir os erros que tinham caracterizado as exposições ali realizadas, nomeadamente a importação acrítica dos modelos em voga, o recurso a uma linguagem elitista e a aplicação de vários estilos sem harmonia entre si. Da mesma maneira, a experiência amadurecida através da participação nos grandes certames de Paris e Nova Iorque permitiu aperfeiçoar, e até desafiar, as soluções tradicionais da propaganda portuguesa.

A Exposição do Mundo Português foi um espetáculo impressionante a vários níveis. As metáforas e alegorias visavam estimular uma reflexão racional baseada no conhecimento histórico, enquanto o brilho das luzes e a monumentalidade ambicionavam gerar uma reação imediata, emotiva e orgulhosa face ao passado nacional e ao regime.

Embora efêmera, a exposição deixou um marco importante na cidade, consagrando o espaço entre o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém como cenário dedicado à representação do poder. Todavia, a complexidade do seu legado originou também um percurso de requalificação errático, que ainda hoje é tema de debate.